A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 56 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS E AVENTURAS - CONSULTORIOS E UTILIDADES

O Bombardeamento de Lisboa!

(Reconstituição feita sobre fotografias obtidas no local por Armando Ferreira).

Na encosta de Almada, uma das peças dos revoltosos regula o seu tiro sobre o Castelo de S. Jorge, lançando o pânico na cidade

VER DENTRO A MAIS SENSACIONAL REPORTAGEM DOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

O DOMINGO *ilustrado*

ANO II — N.º 56

LISBOA 7 DE FEVEREIRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO *ilustrado*

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO *HENRIQUE ROLDÃO*—EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Mercê dum feliz acaso o Domingo Ilustrado *poude, nesta semana, como nenhum outro jornal, dar ao publico a mais completa das reportagens graficas sobre os acontecimentos. Casualmente, o nosso bom amigo e distincto engenheiro Armando Ferreira encontrava-se na quinta de S. Paulo, em casa dum seu amigo, e ali, em pleno acampamento dos revoltosos, poude obter os magnificos «clichês» com que ilustramos as nossas paginas. Sucede tambem que o nosso desenhador, sr. Martins Barata, que é professor do liceu de Setubal, se encontrou no regresso, com os revolucionarios, tendo assim uma flagrante verdade as reconstituições deste nosso numero, cujo valor historico é inutil encarecer.*

A revolução de Cacilhas

Espectador insuspeito e sorridente da vida portugueza, este jornal, sem felicitações aos vencedores nem desprezo pelos vencidos, acha-se no direito de «cocar» pelo lado comico o pronunciamento incrivel almadense que veio «chatear» mais um bocado Lisbôa, com alguns «pum-puns» da Outra Banda.

São notas veridicas de reportagem as que seguem, que só no campo «blagueur» deste comentario semanal podem vir a publico.

O padeiro de Almada, ou quando o sol nasce...

As tropas fieis chegaram á tarde com fome. Fome tinham os revolucionarios, a quem o chouriço do Seixal não matou o ratinho do estomago.

Ora o padeiro de Almada é homem de coração, e assim, levando um saco com pão para os revoltosos — pão que o sr. Martins Junior pagou do seu bolso (eis um revolucionario de boas contas!) — decidiu que tudo se havia de dividir a meio, porque ele não sabia quem venceria. E, fraternalmente, irmãmente, da mesma fornada, o saquitel dividiu-se em dois — e tudo comeu, minha gente!

Alma até Almada

Os revolucionarios perderam, mas não se pode dizer que não tivessem tido coragem. Preguntado um dos chefes, se tinham muito armamento, respondeu ao jornalista, a meia voz: armamento... nem por isso, agora descaramento.

OUTROS TEMPOS

—Não me falavas assim quando eramos noivos!
—E' que quando eramos noivos não me pedias dinheiro!

Má língua

PUM!

—Pum!—*Mas que será isto? Outra bernarda*
nesta terra que ha tanto é bernardina?
Toda a gente se assusta e se acovarda,
que ser heroe é mal fadada sina...

—Pum!—*Mais outro a estoirar. Apuro o ouvido.*
Policias carrancudos. De onde é o fogo?
Portugal é um paiz muito aguerrido,
cidade—capital... Villa Diogo.

—Pum!—*Mas a coisa é seria. Pela rua*
passa a nove um ou outro, de ares tetricos.
O surdo tiroteio continua
por entre a indifferença dos electricos.

—Pum!—*Ouve-se dizer pelas esquinas*
aos rapidos transeuntes;—Que canudo!
Recolhem-se os papás mais as meninas.
Começa mal a epocha do entrudo.

*E afinal tantos—*Pums!*—, para que fim?*
Para se mascarar de Mussolini
quem é tendo na insania um trampolim
se arrisca a não passar de Trampolini?

Assim se mette um susto a tanta gente
que vive regalada como um odre,
e que só ama apaixonadamente
—A Paz—, *e tanto mais, quanto mais podre?*

Então neste concerto incomparavel
de tantas portentosas maravilhas
não é um desacato abominavel
misturar certos berros de Cacilhas?

Pois não será um desrespeito á grey
que um maduro qualquer procure e pense
*com—*Pum!*—depois de—*Pum!*—rasgar a lei*
e perturbar a Incrivel Almadense?

Só quem for muito infame ou muito louco
de audacias cheio, e de virtudes falto,
quererá substituir por um des-côco
o brilho encantador de um chapeu alto.

Que sêde de delirio ou de reclame
atiça quem assim se destempéra?
Haverá por ahi quem se proclame
filho do Pae do Primo de Rivera?

Palavra. Procurei a explicação
que pudesse explicar-me tal loucura,
e vi as velhas normas da Rasão
a caminho de Forno ou Sepultura.

Depois de muita coisa meditada
achei, cuido eu, as causas sybillinas.
—É que em Nação de comilões de Almada
nunca faltam as luctas intestinas...

TAÇO

APROVEITO o silencio e a quietação deste anoitecer de domingo para, no conchego do meu escritorio pequenino e modesto, traçar em paz e com calma as linhas que te ofereço, leitor que eu adivinho impaciente e irritado pela inverneira deste dia de descanço, que te não permitiu gosar esse prazer, que é o maior dos teus prazeres e que consiste n'esta coisa, simples e intoleravel: ir para a rua.

Vejo-te passeando no corredor da tua casa, furioso e traduzindo no aspero ranger das botas a colera que te domina. Implacavel e ironico, o vento assobia nos fios telefonicos e a chuva, morrinhenta e lassa, mal se dá conta de que encostas a face á janela para espreitar o ceu enevoado e torvo, cresce, engrossa, enfurece-se e açoita tão rijamente os vidros, que tu recuas estonteado.

Dir-se-ia que os elementos se entenderam num «complot», para te obrigarem, transeunte impenitente, a guardar este dia de repouso entre as quatro paredes da tua casa. Talvez a hombreira do café, a que habitualmente te encostas, tenha extranhado a tua ausencia; talvez a porta da tabacaria, onde passas algumas horas, mesmo fechada, se tenha aberto em confidencias com a vitrine proxima:

—Porque não vem ele hoje? Acaso se romperam as galochas? Perderia o guarda-chuva?

A esta extranhêsa, dos locais da via publica onde te habituaste a passar a vida, uma outra extranhêsa, mas esta toda agradada e quasi terna, se opõe: a da tua casa, dos teus moveis, da tua mulher, das tuas filhas e do teu gato.

Certa cadeira de braços, em que nunca tinhas reparado, ha-de ter-te parecido hoje, que o vendaval te não deixou sair, comoda e acolhedora. Nos intervalos do mau humor, que a contrariedade te instilou no sangue, has-de ter notado nas tuas filhas uma graça ainda não vista, acaso surpreendeste na tua mulher uma quasi ternura no arrumo do lar, que te deixou surpreendido. O proprio gato, que eu não citei em vão, habituado a fugir deante dos passos apressados com que entras e sais de casa, terá vindo propor as pazes, com marradinhas cariciosas, querendo exprimir no seu ron-ron contente, a delicia de se passar no agasalho da casa um dia de chuva e vento como o de hoje.

E deixa-me que te diga, uma vez que o gato não está aqui, que nos ouça ou que nos leia: o bicho tem razão. Tu pertences, estás inexoralmente incluido naqueles noventa e cinco por cento dos habitantes de Lisboa, que fazem da rua a sua casa de estar e da sua casa a rua de passar.

Tu não moras no segundo andar, numero tantos, da rua tal: resides. Vais lá, comer, dormir, receber o correio, ler os jornais e pôr sinapismos, quando estás engripado. Onde tu moras de facto, é a certa esquina, a certa porta, em determinada hombreira.

Quantas vezes, em momentos irados de despedida de serva recalcitrante, tu terás bradado, batendo a porta: «Rua! que é sala de cães!» E, no entanto, d'ai por minutos tu deixas a tua sala para ir disputar aos cães a sua e instalares-te nela, com outros da tua força, a envenenares o espirito com boatos, a aguares com a vista as mulheres que passam, a invejares as prosperidades dos que te salpicam com as rodas das suas «limousines».

Em casa tu gosarias o inefavel prazer de não estabelecer comparações deprimentes, nem para os encantos da tua consorte, nem para a modestia do teu viver. Seria para ti uma alegria sempre renovada a inauguração dum melhoramento domestico: um cortinado numa janela, uma almofada sobre o sofá, o papel novo na parêde. Terias aindas o indefinivel prazer de fazer projectos, riscando os lugares para a nova mobilia, comprar na primeira «aragem» favoravel, ou mais simplesmente, removendo os teus moveis actuais para uma disposição mais estetica. E pendurando um quadro ou arrumando uma estante, tu passarias uma hora sadia, sem te lembrares, sequer, de que as investigações sob o caso do Angola e Metropole são da exclusiva competencia dos juizes instructores e não estão incumbidas á fantasia do teu grupo, no café que frequentas—o que desobrigaria a tua consciencia de homem honesto de se carregar com a invenção de algumas patranhas, com que entreter as horas sadias de tertulia e má lingua.

ECOS

O sr. Martins Junior na Egreja

Logo que chegaram a Almada os revoltosos arrombaram a Egreja do Largo de S. Paulo, para ali instalarem o quartel general. O sr. Martins Junior parecia um D. Cezar de Bazan, de pera, feltro ao vento. O sr. Lacerda de Almeida trazia esta fantastica indumentaria: sapatos de polimento, polainas brancas, por cima grevas, depois calças de fantasia, gabardine com divisas de major, «kepi» militar, e lacinho preto de «smoking» no colarinho. Ao chegarem á egreja, arrombada a porta, entrou á frente o sr. Martins Junior. A penumbra religiosa do ambiente infundia respeito. O sr. Martins Junior tirou o chapeu... Logo um soldado: olha o gajo tem medo dos santos!

E um lapuz da cadeia do Seixal: E' beato!

O sr. Martins teve um sorriso amarelo, enterrou então o chapeu e lavou as mãos enlameadas na pia de agua benta...

Mais tarde o lunche estendeu-se no altar mór e, é claro as hostes retomaram a confiança no seu chefe...

Ou bem que o pão é fresco...

Um dos nossos estimaveis colegas começava assim a sua reportagem sobre os acontecimentos: «Hontem, pouco depois das vinte e quatro horas...» E' caso para perguntar-lhe se seria realmente «hontem...»

De falua...

Outro, descrevia: «as tropas vão avançando rapidamente, de falua, sobre a outra banda... Numa quiz embarcar a conhecida revolucionaria sr.ª D. Maria Arade.»

A gente está a ver a sr.ª D. Maria Arade, de falua, á frente do exercito fiel, a caminho de Cacilhas.

Estamos mesmo a vê-la, cavalgar, depois, a encosta do Alfeite, sobre o tradicional gerico.

Digam o que disseram, isto tem qualquer coisa de biblico! E' que o sr. Antonio Maria da Silva tem dedicações sem limites nem sexo — e emquanto a sua pera repousa tranquila no Carmo, a sr.ª D. Maria Arade expunha ali o corpinho no Rio, nas faluas da legalidade...

MEDO

—Era algum ladrão?
—Era, mas st a roubar o andar de baixo.

HUMORISMO

CRONICA ALEGRE

A CIVILISAÇÃO

ABRO o jornal de hoje e depára-se-me o seguinte titulo de noticia: —*Lisboa civilisa-se. Três apaches, de pistola em punho, roubam cem contos a um ourives*». A gazeta conta-me, em seguida, a historia dum senhor ourives da Boa Vista, que, estando a fechar a loja, viu entrar um cavalheiro mal encarado, o qual, a pretexto de comprar uma aliança de creança, sacou dum bacamarte de algibeira e manteve o logista e seu caixeiro em respeito, emquanto dois camaradas, sobrevindo, fecharam a porta ondulada e limparam a loja do seu recheio. Posto o que, retirou-se o tercêto de gatunos, deixando o logista espavorido e amarrado com um barbante grosso.

Ora eu, se fosse o «reporter» redactor da noticia, teria intitulado a minha prosa d'outra forma:—«*Lisboa continúa a ser uma terra de sabios. Os ourives da Boa Vista, nos tempos que vão correndo ainda não têm na gaveta uma metralhadora para puxar por ela, mal lhes cruse a porta um freguez qualquer*».

Eu nunca fui ourives e calculo que, já agora, não o serei. Mas, se tivesse loja de «pendentifs», grilhões e outros artefactos de metal precioso, nem que visse apiar á minha porta, dum Rolls-Royce uma peliça com o velho barãode Rotschild dentro, deixaria de sacar da trazeira das cuécas uma Browning de repetição, e de intimar ao freguez: «Hands up» como nos films americanos e, só depois de o ter apalpado de baixo de todos os pontos de vista e de ter verificado que não era portador nem de armas, nem de narcoticos, nem de perfidas intenções, é que o deixaria entrar e dizer de sua justiça.

Assim vae o mundo, meus amados irmãos. Aqueles velhos ladrões de estrada, que saíam ao encontro dos viandantes com uma escopeta na mão e lamuriando: — «Meu rico senhor. Tenha dó dum pobre chefe de familia que só tem esta espingardinha para

ganhar a vida...» passaram de moda. De resto, como se sabe, as estradas estão intransitaveis.

E' na cidade que, pelo roubo, ainda se consegue angariar os meios de subsistencia. Esta cada dia se torna mais complicada. Ha, pois, que estar prevenido, mórmente sendo-se ourives. Quem venda apenas cronicas humoristicas

pode estar relativamente socegado e não é ainda por estes quinze dias mais chegados que VV. Ex.as hão de ler nas gazetas que, estando eu sentado tranquilamente ao meu borralho, me entraram pela porta dentro cinco diabos mascarados, os quaes, sob ameaça de me cortarem o fio da existencia, me forçaram a escrever, num album, um pensamento ou um sonêto. Por isso, eu vivo de porta aberta, durmo descançado e passo pelos senhores mal encarados com o meu melhor sorriso nos lábios.

CARNAVAL

Como todos temos a tôla mania de supôrmos que só nós existimos neste mundo, chega sempre uma hora em que decretamos que o Carnaval é uma estupida sensaboria. Esquecêmo-nos, porem, que ha meninos de dez anos, loucos por se mascararem de campinos ou de oficiaes da guarda republicana, que ha donzelas de desesete rôxas por dançarem com intrepidos cadêtes e aproveitarem as liberdades da época, que ha mancêbos de vinte e poucos para quem os bailes de mascaras, as conquistas anexas e beberricagens concumitantes são inefaveis delicias.. Esquecemo-nos, enfim, que a humanidade se renova, que sempre uma geração está empurrando a antecedente e que, enquanto não sobrevier o diluvio de picarêtas pelos profétas anunciados a vida ha-de persistir com as mesmas normas e as mesmas velhas usanças. Venha, pois, mais um Carnaval. Achá-lo-ei uma massada; mas, quando ele terminar, haverá em certos olhos a mesma saudade humida com que, em tempos, eu via chegar a quarta-feira de Cinzas. A vida não envelhece. Nós é que, sem concordarmos com o tempo, vamos envelhecendo.

UMA HISTÓRIA

Contaram-ma, ha anos, na Belgica. Em certa aldeia, uma santa duma egreja puzera-se, de subito, a falar, a fazer milagres e a satisfazer os pedidos dos seus devotos. Uma noite, numa roda de comadres palreiras, uma delas lembrou-se do seguinte:

—«Não é justo que só ásmulheres caibam as dôres da maternidade. Os homens, tão culpados como nós dos creanços virem a este mundo, ficam-se a rir nesses momentos dificeis. Ora, já que a Santa faz tudo quanto se lhe pede, deviamos pedir-lhe que d'óravante, os paes sofressem tambem na hora propria. E' de justiça...

Todas da roda concordaram e a santa, solicitada, anuíu aos rogos que lhe eram feitos.

Passados mêses, a mulher do ferrador estava prestes a ser mãe. Uma noite sentiu chegada a hora e aconselhou ao marido que fosse chamar a parteira. O marido fumava tranquilamente o seu cachimbo ao canto da lareira e disse sem se perturbar:

—«Deve ser engano teu, porque bem sabes o que a Santa combinou com vocês e não sinto nada».

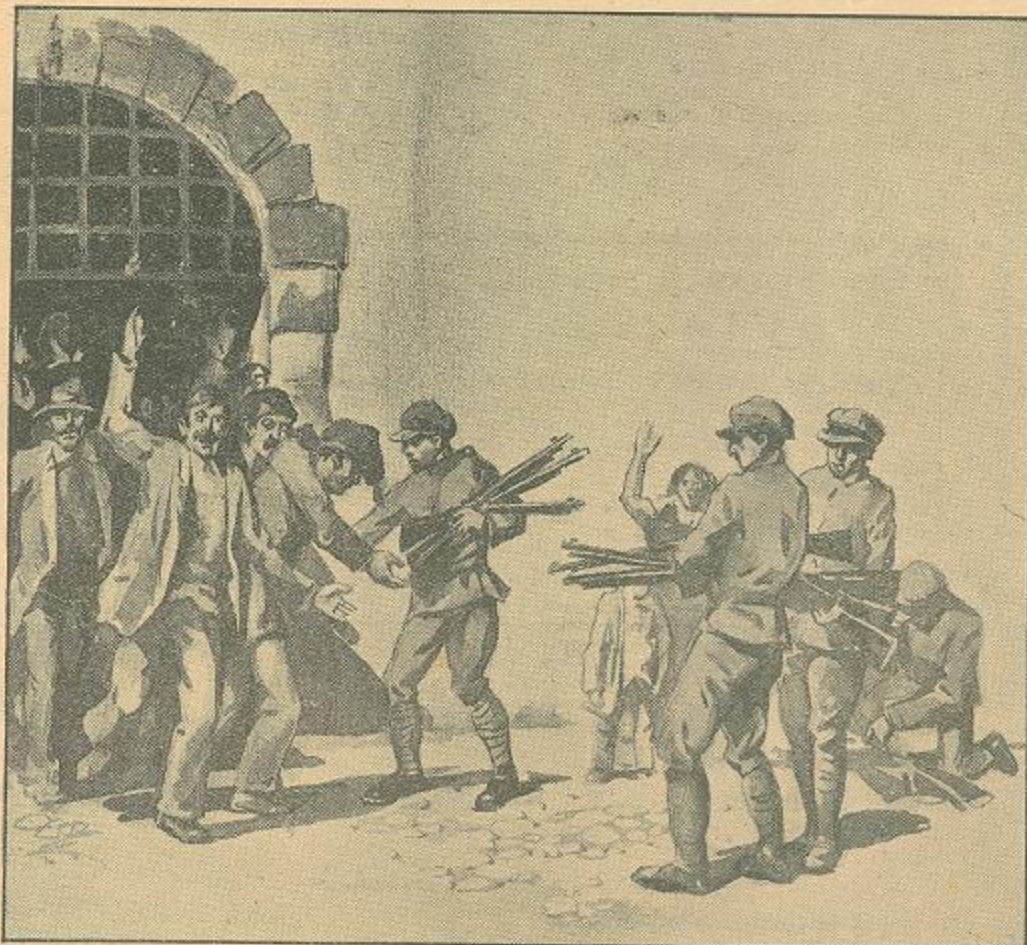
E, por mais que a esposa requisitasse em altos gritos a assistencia necessária, o camarada fumava descançadamente. De repente ouviu vozearía na rua e foi até á porta.

—Que é isto? indagou êle. Quem está gritando desta maneira?

—«E' o tanoeiro ali de cima que se está a torcer com dôres, lhe respondeu uma vizinha. Mas o mais curioso é que a mulher dêle, que nos

conste, não tem dado sinal de estar para ter meninos.

ANDRÉ BRUN

A REVOLUÇÃO RADICAL

(Reconstituição feita sobre *croquis* do natural, pelo nosso desenhador enviado ao local).

A abertura da cadeia do Seixal e o armamento dos presos

O NOSSO NUMERO DE

Carnaval

SERÁ DESOPILANTE.

RIR-SE HA UM BOM BOCADO SE O COMPRAR.

O DOMINGO ilustrado

Curiosidades

A EDADE DOS SABIOS

Parece que os habitos de estudo e os trabalhos de inteligencia não são prejudiciais á saude senão quando se afastam dum exercicio fisico normal. Os exemplos de longevidade entre os sabios e filosofos são mais frequentes que entre o comum dos homens.

Boerhawe viveu sessenta anos, Locke setenta e trez, Galileu setenta e oito, Newton oitenta e cinco, Fontenelle cem, Bayle, Leibniz, Volney, Buffon e muitos homens ilustres do seculo passado, alcançaram uma edade muito avançada. O celebre doutor Olbers, astronomo de Bremen, morreu octogenario e Blumenbach escrevia ainda aos oitenta e oito!

COMO DORMEM OS ANIMAIS

E' notorio que o cão, antes de se deitar dá varias voltas em redor. Os zoologos, garantem que este gesto é uma lembrança atavica dos tempos primitivos em que os animais quando se deitavam, procuravam afastar as ervas, arranjando uma cama.

Até ha pouco, julgou-se que o orangotango, o chimpanzé e todos os grandes simios dormiam de lado. Hoje sabe-se que estes animais dormem como o homem, de costas.

As mulheres vão ter barba e bigode...

AFIRMA o professor Schnurrbart, eruditissimo capilografo de Praga, que em poucos anos, a excelsa beleza feminina terá a orná-la o ornamento até esta data unicamente de posse dos homens: A barba. E' curioso pensar-se o que serão as elegantes de daqui a cem anos e qual a sua preferencia na maneira de cortar os cabelos da cara... Sim porque, se entre os homens, uns preferem o bigode á *Charlot* ou a perinha á *Guise*, entre as mulheres devem aparecer gostos equivalentes e então, será elegante um sujeito agradar-se de uma senhora porque ela usa o bigode retorcido ou desgostar-se de outra por ela preferir a barba até aos peitos...

Mas vejamos as razões que levaram o ilustre profeta a afirmar o caso.

Segundo os seis capitulos do seu livro «*Das Haar und die Zukunftfrau*» os homens nos tempos primitivos não tinham cabelos na cara, afirmação que se liga admiravelmente com a opinião dos melhores sientistas e que ainda hoje se observa nos aborigens do Novo Mundo e nos negros da Africa Central.

Nos povos mais antigos, Egipcios e Persia, tambem os homens não tinham barba, que aparece pela primeira vez entre os judeus e aqui, lembra o professor de Praga, o preceito talmudico que obriga os israelitas a *usarem o cabelo cortado*, habito que tambem tiveram os gregos e os romanos.

As estampas da idade media, mostram-nos os homens com as caras rapadas mas com os *cabelos crescidos* e todos estes casos rigorosamente historicos veem em abono na teoria de Schnurrbart.

Noutro capitulo, cita o professor as bem conhecidas leis biologicas em que se fundam as coisas tão simples como podar uma arvore para que produza melhores frutos, e perfeição dos quatro sentidos nos cegos e em seguida faz estas afirmações a que não falta logica:

1.º Cortar os cabelos repetidas vezes, determina a evolução das raizes na cara.

2.º Nunca em qualquer epoca ou povo, as mulheres cortaram o cabelo e daí a unica razão de as mulheres não terem barba.

3.º A moda actual de cortar o cabelo e ainda a recente variante de o rapar na nuca, fará na mulher desenvolver as raizes do rôsto e o crescimento desse novo cabelo, como novo, será fortissimo!

Como nós gostariamos de viver no proximo tempo em que a mulher terá de ouvir todos os dias o barbeiro preguntar:

— A navalha incomoda?

OS LEÕES SÃO SURDOS?

Mr. Han-Holl, no seu relatorio recentemente publicado intitulado «A morte dos animais ferozes» garante que, por varios estudos que fez, os leões são quasi totalmente surdos.

E' curioso tambem o detalhe observado, que os leões quando querem dar uma pancada forte, fazem-no com a garra esquerda.

O ANÃO FIDALGO

O Duque de Buckingham tinha um bobo de um pé e seis polegadas de altura chamado Jeffery Hudson e que uma vez entron n'um banquete do Duque,... dentro de um queijo!

Ora o anão... um dia começou a crescer... e tomou uma estatura normal! Vendo-se com corpo para ser um «homem» meteu-se-lhe em cabeça vingar as ofensas recebidas dos cortezãos quando era anão e um belo dia por qualquer questão sem importancia, esbofeteou um cortezão.

Houve desafio e o anão-homem favorecido pela sorte... deixou o seu antagonista morto com uma bala no peito...

Solução do problema n.º 54

	Brancas	Pretas
1	16-19	23-16-7
2	18-22	9-18-4
3	22-29 (D)	32-23
4	17-22	4-25
5	29-11-2-9-27	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 55

Pretas 1 D. e 7 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

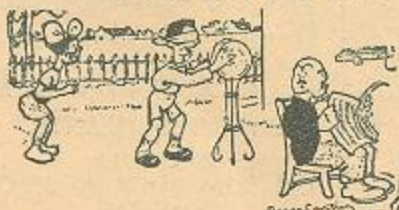
—

Resolveram o problema n.º 53 os Srs. Augusto Teixeira Marques, José Brandão, José Magno [Algés], Um Chiquinho (Bragança), Um oficial [Foz do Douro) e Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo já conhecido amador das Damas «Neulame».

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

À CABRA-CEGA

—E' a cabeça do tio Luiz!

Os Sports na Provincia

EVORA.—Com uma regular assistencia realisou-se no preterito domingo 17 no Campo da Estrela (Ateneu) um sensacional desafio de futebol entre as 1.as categorias do Lusitano Ginasio Club e Sport União Casa Pia para disputa de um premio intitulado «Antonio Falcão» e instituido pelo Sport União. A's 15 horas e meia o arbitro deu inicio ao jogo cabendo o pontapé de saida ao Casa Pia que, numa bem conduzida avançada, se aproxima das redes adversarias, mas que foi inutilisada pelo defesa direita do Lusitano.

O Lusitano avança magnificamente, e após 5 minutos de jogo, José Teles, estremo esquerdo do Lusitano, marca a 1.ª bola a favor do seu Club.

Finda a 1.ª parte com o seguinte resultado: «Lusitano» 1, «Cása Pia» 0.

Iniciada a 2.ª parte, o Lusitano faz algumas avançadas mas sem resultado; depois de algumas fugidas de parte a parte Bandarra, do Lusitano, marca um livre, que o guarda-rede do Casa Pia defende bem, sendo muito aplaudido pela assistencia.

E assim terminou o desafio com a vitoria dos rapazes do Lusitano, a quem por este motivo apresentamos as nossas sinceras felicitações.

A arbitragem a cargo de José Machado, foi boa.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 55

Por J. Koning

Pretas (6)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Este problema é de relativa dificuldade.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 53

1 C 5 B D

Bloqueio completo. Tema de «Portas Ajar» ou «Portas abertas». Cada jogada das pretas abre uma porta á peça matante. A propria chave abre a porta P pre 6 1».

Resolveram os srs. Pereira de Figueiredo, Vicente Mendonça, Zagalo Fernandes, Grupo Albicastrense, A Nogueira Marques, C. Orcar da Silva e Nunes Cardoso.

BOA RESPOSTA

— Que edade tem a tua noiva?
— Oitocentos contos!

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

o momento teatral

á sucapa...

A Crise do Nacional

Com a trapalhada que atacou o Nacional e o deitou a terra, nasceram fortes desejos, em muitas pessôas, de olhar de vez, e a serio, para a linda sala de espectaculos. Dum lado os emprezarios, dispostos a tentarem ali negocio. D'outro, artistas, apresentados pelo Gremio, e escriptores representados pela sua Sociedade. Nós, achamos que todos os programas são bons—contanto que quem os execute seja competente. Tal como em politica, não ha sistemas, ha homens. O que é absolutamente indispensavel, o que «tem que ser» é entregar o teatro Nacional a quem realmente acabe com a vergonha que tem sido, verdadeiro chavascal da scena portugueza, e, decerto o ultimo dos teatros de declamação, devendo ser o primeiro. E, note-se que, «isoladamente» consideradas as pessoas que lá teem estado, temos de confessar que são pessoas honestas e competentes...

A crise portugueza e as companhias estrangeiras

Não sômos daquelas pessoas para quem o patriotismo é dizer que tudo o que temos é bom. Sômos mesmo partidarios, em questão de teatro, de que é preciso, de quando em vez, albergar em nossos palcos certos nucleos estrangeiros, que constituem exemplo e estimulo.

Simplesmente a crise que os nossos teatros estão sofrendo é grande demais para que o nosso meio possa suportar, sem o sentir, um negocio, como por exemplo, o da Companhia Velasco. A verdade é que ha algumas semanas, mesmo antes da companhia chegar, se sentia a sua aproximação nas bilheteiras de Lisboa. E' caso a pensar—e caso serio. Ha muitas dezenas de familias sem pão que vivem entre nós, do teatro—e as migalhas portuguêsas não devem ser comidas pelos estrangeiros.

A Espanha é, de resto, a primeira a dar o exemplo. Basta que se diga que em seis anos Madrid apenas viu, de estrangeiros, Vergani, Zacconi e os Baillados Russos. Teem resultados inuteis todos os esforços de companhias portuguesas para ali irem. Eles não querem e acham que a Espanha é para os hespanhoes—e está certo.

A nossa Inspecção Geral dos Teatros que pense no caso—porque tem responsabilidades e deveres. E o Gremio dos artistas que se deixe de salamaleques—porque bate em si mesmo.

Esther Leão, que uma arrastada e amortecida temporada no Nacional, não tem deixado brilhar esta epoca em todo o seu esplendor, acaba de ser contratada por José Loureiro para a companhia de Leopoldo Frois—que se estreará no Trindade, nos começos de Outubro.

São poucas as nossas actrizes que possuam a cultura de Esther Leão—muito poucas mesmo. Actriz de recursos admiraveis, destinada ao mais largo dos futuros, possue uma arte, moderna de processos e onde há intensidade, ironia e subtileza. Será a interprete preferida para a tragedia moderna—o que não exclue que tenha já feito deliciosamente a comedia alegre e o drama ligeiro.

E' uma artista que ocupará, por legitimo direito, um primeiro lugar. E' com alegria, que a vimos sair do ambiente asfixiante que tinha no Nacional, e ir entregar-se toda ao trabalho, numa companhia, onde o espirito desse grande actor moderno que é Frois, porá uma nota de suprema elegancia. Esperamos pois com anciedade o grande espectaculo que será a sensacional estreia dessa companhia—que vem como uma embaixada do Brazil—e que será para nós, decerto um grande prazer de arte.

Pensamentos teatraes

SÃO DO NOSSO QUERIDO COLABORADOR FELICIANO SANTOS EM A REVISTA *DE TEATRO*, OS CURIOSOS PENSAMENTOS QUE SEGUEM:

Se eu acreditasse na iniciativa dos meus conterraneos proporia ás Companhias de Seguros a criação dum ramo especial—seguros contra acidentes no trabalho teatral. Mediante uma taxa a fixar, o autor duma peça cobriria a sua obra contra os seguintes riscos:

Má digestão do publico, nas primeiras representações;

Neurastenia de critica.

Chuva entre 7 e as 8 horas do noite;

Lançamento de morteiros ás mesmas horas;

Propagação de boatos;

Ordens de prevenção;

Zangas domésticas dos primeiros interpretes de ambos os sexos.

Por sua vez, as Companhias seguradoras tinham o direito de exigir que a obra segurada pudesse ser representada em drama ou em farça, conforme o gosto do publico em cada noite.

Em caso de sinistro o autor receberia os seus direitos como se a casa estivesse cheia.

* *

O espectador que não frequenta a «caixa» dos teatros faz, em regra, na profissão teatral uma ideia lisongeira. Parece-lhe, pelo menos, que os artistas que em scena dizem tão lindas frases hão-de ser na intimidade pessoas duma palestra encantadora.

A's vezes calha, mas nem sempre...

Uma vez, dizia na minha presença uma das principais figuras femininas duma companhia de Lisboa, a alguem que lhe estava gabando a elegancia e a boa qualidade da «toilette» com que ia entrar em scena...

—Ah, não tenha dúvida! Isto é bom em toda a «excepção» da palavra.

* *

Ha quem não comprehenda nem justifique a mistura de estilos que se nota no novo edificio do Teatro do Gimnasio.

No entanto, não ha nada neste mundo que se não explique e justifique.

Entra-se, por exemplo, pelo café: estilo egipcio. Passa-se ao atrio e escadaria, dando um salto para a época de D. João V e subindo a pulso ao «foyer» da primeira ordem pula-se para o sensacionalissimo russo. Ora estes saltos todos são propositados para justificar o nome do Teatro, que sendo Gimnasio teem de obrigar a alguma gimnastica.

Bilhetes de jornais vendidos á porta

Um empresario de Lisboa, contou-nos ha dias o seguinte para o que chamamos a atenção dos nossos colegas da imprensa:

Quasi todas as noites, aparecem nas bilheteiras dos teatros, portadores de requisições de varios jornaes, pedindo ao bilheteiro para, em vez do «fautuille» da praxe, lhe dar antes duas geraes, logares que são vendidos á porta aos contratadores. revertendo o produto a favor d'esses senhores.

Ora as empresas que precisam da imprensa, veem o caso com tristeza; nós porem que temos o dever de zelar sempre pelo bom nome da classe, é que não podemos ficar calados e por isso chamamos a atenção das empresas jornalisticas para este descredito que a ninguem aproveita, a não ser para os eternos angariadores de bilhetes de teatros que todos os dias aparecem pelas redacções e que, com uma ordem, ficam facilmente reduzidos á expressão mais simples...

A Noite de Augusto Rosa

Por não estarem ainda completos os pagamentos das despesas deste espetaculo não inserimos neste numero as contas gerais.

Seja-nos porem desde já permitido afirmar que houve alguns abonos a fornecedores daquele espectaculo, que os fins da festa não autorisavam.

Teatro Maria Vitoria

HOJE A APLAUDIDA REVISTA

FOOT-BALL

O maior sucesso da actualidade

Coliseu dos Recreios

As ultimas novidades da grande companhia de circo

S. Carlos — Fechado.

S. Luiz — A opereta de grande sucesso «A Moça de Campanillas».

Gymnasio — «Tia Andreza», com Gil Ferreira e Alegrim.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, «Não te melindres Beatriz».

Eden — «11.000 virgens» grandiosa revista, com Laura Costa.

Trindade — A grande companhia de Velasco: «Feria de las Hermosas».

Apolo — «A Taberna» de Zola, e o lossal trabalho de Alves da Cunha com Adelina eBerta.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

CHOVE TANTO!...

Novela ingenua e sentimental, onde ternamente passa uma nota emotiva e delicada. E' original de um colaborador de «O Domingo», que a enviou pelo correio, sob um pseudonimo misterioso.

E' cachopinha, que tens esta noite que andas tão triste? Não tens frio? Chega-te para aqui minha filha, não vês a mãe, vê lá se ela sai da lareira...

—Mas, não tenho frio meu pae, bem vês como estou afogueada...

—Qual; o lume é que te dá esse lindo aspecto. Vermelho do lume... e que lindo!... Que noite Aninhas!... Que noite!...

Chove tanto!... Tanto!... como a terra fica molhadinha; olha como são fustigadas as quebradas da nossa serra. O casal da encosta deve estar n'um charco... e tudo mais... que de prejuizos, parece que vem tudo abaixo com agua... e graças que a trovoada já passou. Como Deus é grande!... ora vejam vocês que tristeza... como nos sentimos pequeninos!... Que noite!... Que noite!... Quasi sempre fria, esta vespera de Natal, mas poucas vezes chuvosa.

—Poucas é certo, mas... algumas.

—E' verdade mulher, algumas, mas... anda para aqui, Natalia, e nada de tristezas. Que dianho teem os teus desasseis aninhos, minha Natalia? Será possivel que tu?...

Oh! mas, não, na tua idade só se brinca. Diz minha filha, não é verdade!

—Oh!... paesinho, que ideia!.. Já não brinco bem o sabes e não tenho outro pensamento que não sejam os meus queridos paesinhos e... por isso mesmo... por isso mes... mo...

* * *

—Então minha filha não chores... Vês... vês tu Manoel?... Para que a fizestes chorar, hoje na vespera do Natal... no dia dos seus anos!...

—Ora... ora... pieguices, mas... tu que nunca assim fostes!...

E o bom do velho n'um grande amplexo abraçou as duas mulheres, beijando-as sensibilisado. Ora uma d'estas!... Então não estou feito tambem mulher; a chorar!...

...e o bom velho, num abraço enlaçava as duas mulheres...

* * *

Natalia agora mais calma, conseguia explicar a causa da sua perturbação: Algumas visinhas... algumas visinhas... Desembucha rapariga. Que teem as visinhas? E' que... é que... olha, é que dizem, que tu e a mãesinha não são meus pais. Já ha muito que por meias palavras o davam a entender. Nunca fiz caso, nem as percebia... até que hoje.. sim... até que hoje, a Rita moleira, que parece não gostar de mim, desde aquela questão por causa dos seis alqueires de milho, se sahiu a dizer: Pareces uma princeza; tu és das tais que nascem com sorte. E porquê? perguntei. Ora porquê,... porque... olha: não vamos mais longe, porque eu filha de moleiros, mulher de moleiro, trabalho todo o ano como uma moura, e tu... que nem sequer os teus paes conhecestes, és... filha de lavradores ricos!...

Se vissem o seu contentamento!... Estava radiante de satisfação. Não quiz ouvir mais e como pude voltei-lhe as costas. Tu vaes-me contar tudo, não é verdade paesinho?... Sim minha mãe, tudo... Será um conto do Natal, que eu ouvirei dolhos cerrados, entre os dois, n'esta noite dos meus anos, em que o vento e a chuva fustigam a aldeia e os caminhos. Só eu os ouvirei, só eu... lá fóra ruge a tempestade e nos outros casaes, a alegria da consoada, esquece a pobre orfã, como eles dizem...

* * *

—Tinhamos ido á Capital, eu e tua mãe. O meu irmão, o tio João, tinha sido operado no Hospital de S. José. A operação decorrera mal; n'um telegrama chamava-nos á pressa. Fômos nas antevesperas do Natal, ha precisamente desasseis anos. Afinal depois d'uma espectativa assustadôra, que durou tres longos dias, melhorou. Ficámos como podes avaliar contentissimos e resolvemos partir depois do Natal, no dia imediato. Tua mãe nunca tinha ido ao teatro, n'esse tempo eramos pobres e não tinhamos tempo e dinheiro para essas coisas. Pediu-me para ir, fômos ao Principe Real. Que noite, chovia, chovia muito, assim como hoje. No teatro não estava muita gente e a peça incomodou-nos bastante. Representavam... representavam... «Os dois garotos». Chorámos, aquelas trapalhadas fizeram-nos mal, á tua mãe coitada mais que a mim. Ora o diabo, como eles podiam fazer aquilo... o certo é, que cheguei a sentir ganas de invectivar um mariola que lá aparecia...

...chovia tanto, tanto, naquela noite horrivel!

E a chuva sempre a cahir lá fóra... e nós com frio no corpo e na alma, n'um canto da geral, onde estávamos com mais quatro ou seis pessoas. Acabou-se o espectaculo. Como acabou, lembras-te Aninhas?

Acabou... olha... não me recordo como acabou. Mas deixa paesinho... acabou o espectaculo?... Isso... acabou o espectaculo e eu disse á mãe: O' Aninhas, se fossemos comer alguma coisa? E' noite de Natal e estamos com frio... Valeu? A mãe concordou e fômos a uma casa de pasto quasi em frente, um pouco receiosos é certo, tinha então quarenta e dois anos e a mãe perto d'isso, e nunca tinhamos entrado n'uma casa d'aquelas, assim, na cidade.

* * *

Quando sahimos, já perto das duas da madrugada, a chuva amainára. E lá fômos, rua da Palma fóra, a caminho do nosso hotel, um hotel barato, no Poço do Borratem. Alguns pares passaram é nossa frente, tudo gente alegre, que ia ou vinha de ceiar. Um ou outro pobre esmolava, aproveitando a solenidade da noite. Quasi á esquina d'um largosito, a meio da rua da Palma... ora como se chama?... largo?... largo?... Lembras-te Aninhas? Aquele largo que tem umas escadinhas ao tôpo? Ha!... largo do Socorro, pois ahi, quasi á esquina do largo, havia qualquer coisa que afastava receiosos os poucos passeiantes d'aquela hora tardia. Que seria? A' mãe passavam despercebidos os movimentos que faziam e eu nada lhe disse preocupado como estava em observar o que faziam. E continuámos andando. Já perto um cavalheiro dizia para a dama que o acompanhava:

«Aquelas coisas nunca se apuram, são d'uma grande responsabilidade, tu não vês o que faz toda a gente, todos se afastam». E realmente assim era, parecia que aquele bocado do passeio queimava, n'aquela noite tão ensopada d'agua. A mãe ouvio ainda o que dizia o tal cavalheiro, e começou tambem a interessar-se. Que seria? E passamos tambem pelo sitio que tanto incomodava as outras pessoas. Olha, é um embrulho!... Mas do que teem eles mêdo? E já iamos tambem a continuar, quando a mãe, que sempre vio mosquitos para lá da Serra Grande, que tem uma bela vista, que Deus lha conserve, reparou que o embrulho não era só de papeis, parecendo-lhe até que mexia. Ora esta, então não me pareceu que o embrulho mexeu!...

Oh mulher!... deixa-te d'isso e vamos andando que vem mais chuva. Palavras não eram ditas e desata a chover torrencialmente. O embrulho estava na soleira d'uma porta. Recolhemo-nos e coube-me então a vez de vêr o embrulho estremecer. Não havia duvida, o embrulho tinha vida propria. Tua mãe voltava a olhar para o chão e simultaneamente para mim. Baixei-me, tomei-o nas mãos. Dentro meia enregelada pelo frio, quasi congestionada uma creancinha. Na rua ninguem. Que fazer? Sim, que fazer? Abandona-la de novo, mas isso seria um crime maior que o que praticou a pessoa que a abandonou! Tua mãe tomou-a nos braços; era uma menina. Compreendi então porque se afastavam, com taes precauções os pares que comnosco cruzaram. Que egoismo!... Senti uma revolta enorme; a má disposição da noite, todo o desconforto fisico e moral da minha situação n'aquela epoca, foram outros tantos factores de revolta a juntarem-se ao desprezo que comecei a sentir pelo meu semelhante. Vamos disse para a mãe. Abri o chapeu de chuva, a mãe aconchegou ao peito o pequenino ente, que tinhamos encontrado, mas a chuva era tanta que ficámos n'um pingo.

* * *

N'aquela noite não dormimos. A menina depois de reanimada voltava á vida e já chorava. Comecei a pensar que Deus

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O PRINCIPE DA COCAÍNA

Revelação absolutamente autentica de um grande escandalo que se dá em Lisboa.

JÁ por mais de uma vez, aquele chalet, metido entre a folhagem do jardim, tinha despertado a minha atenção. Em geral, passava por aquele sitio entre a uma e as duas horas da manhã e o que mais me intrigava n'aquele chalet, para ali levantado á beira do mar, eram os ruidos e a luzes extremamente fortes e tão em desarmonia com o nome que lhe tinham posto. «Chalet de São Francisco»!

Uma tarde, perguntei a varias pessoas que perto viviam, quem morava n'aquela singela vivenda encafuada n'aquele jardinsinho tratado.

Um dos banheiros que durante o verão ganham a vida na praia, ás ordens de todos os que vão para a linda estancia, olhou-me de esguelha e comentou:

—Isso é mesmo um escandalo!

—Mas quem é que mora n'aquela casa?

—Sei lá! Dizem que é pessoa rica! Mas, meu senhor, nós os pobres não temos o direito de fazer nada, emquanto aqueles que teem dinheiro...

A confusão da resposta do homem, mais despertou o meu interesse.

—Mas diga-me:—comecei—O senhor sabe quem móra no Chalet de São Francisco?

—Eu não sei de nada! Só sei que aquilo é mesmo um escandalo!

—Mas aquilo quê?

—Ora, tudo! Emfim, eu não quero meter-me na vida de ninguem! Bem basta o meu trabalho! Mas sempre lhe digo que os ricos podem fazer tudo quanto lhes apetece! Pobre de quem é pobre!...

E voltando-me as costas, o banheiro retirou-se, de mau humor deixando-me perceber que não era facil arrancar-lhe uma unica palavra.

Mas o caso intrigava-me seriamente!

Aproximei os olhos da fechadura...

A minha curiosidade, mais aguçada pelas palavras sibilinas do banheiro, cresceu a tal ponto, que decedi saber quem morava e o que se passava no já para mim celebre Chalet de São Francisco.

* * *

No dia seguinte, era uma hora da tarde, bati ao portão do chalet. Tinha vestido um fato de macaco, levava um bonet vulgar e uma maleta de coiro negro, a tiracolo.

Um creado veio abrir.

—Venho ver a caixa do telefone! Esta noite, o vento partiu uma data de fios e parece que varios contactos deram cabo de algumas aparelhos!

—Faz favor de entrar!

—Onde está o aparelho?

—Está aqui, no corredor!

—Muito bem! Tem cá um escadote?

—Sim senhor! Mas faça favor não faça muito barulho porque sua alteza ainda está recolhido!—e o creado afastou-se.

Sua Alteza?! Mas então era um aristocrata, da categoria mais elevada, que habitava a vivenda? E, emquanto simulava ver o microfone, inspecionei o ambiente.

Por toda a parte estadiava-se um enorme luxo e conforto. Uma janela em frente, mostrou-me que estava apenas elevada um metro e tal, sobre o jardim.

Mas que principe seria aquele? Subito, um brazão bordado n'um reposteiro, deu-me a resposta. Aproximei-me e li o nome que os meus conhecimentos de heraldica prontamente ditaram. Aquele leão rompante, era duma expressão absoluta!

O creado voltou com o escadote.

—Afinal o aparelho não tem nada!—disse—Ainda bem porque senão, tinha trabalho para duas horas.

—Está bom?—perguntou o creado:

—Está! O fio d'este aparelho, não tem nada!—e arrumei as chaves de parafusos na maleta.—Boa tarde!

—Olhe, faz favor!—e o creado estendeu uma nota de dez mil reis.—Aqui tem para um charuto!

Agradeci e um minuto depois estava na rua.

* * *

Duas horas da madrugada. Em volta o silencio era enorme. Vagamente, ouvia o marulhar monotono das ondas roçando a praia.

Acerquei-me cautelosamente do jardim e, á sombra d'uma arvore, trepei a grade.

Da vivenda vinha um ruido forte de vozes e no primeiro andar as janelas

Atirou-lhe um «crochet» ao queixo...

estavam todas iluminadas. Cautelosamente, cheguei-me á janela por mim analisada de tarde.

Coloquei com cautela no vidro um pedaço de massa e, com um diamante, tracei uma circunferencia. Puxei o pedaço de vidro que sem ruido, pegado á massa me deixou o espaço bastante para meter a mão e tatear o fecho da janela.

D'ahi a minutos estava no corredor que não tinha a menor iluminação.

Cautelosamente, os pés abafados por solas de esponja, fui tateando o caminho.

De cima vinha uma algazarra de vozes.

Fala-se hespanhol e francez e uma voz de mulher cantava.

Parei em frente de uma porta escondida sob um reposteiro negro, onde o brazão me lembrou logo o nome de Sua Alteza..

Para alem daquela porta ficava o salão onde, a julgar pelo ruido das vozes, estavam os que eu queria saber quem eram e o que faziam. Levantei de vagar o reposteiro, aproximei um dos olhos da fechadura da porta e...

* * *

Era uma sala grande, ricamente decorada. No chão inumeras almofadas carissimas. Em pequenos bancos, brilhavam alvissimas taças de champagne.

Deitados sobre as almofadas, varios homens e mulheres e entre eles, reconheci o dono da casa.

Ao centro da sala, o poeta Z, muito conhecido pelas suas excentricidades, recitava e, a um canto, madame Q. conversava, languidamente recostada n'um montão de almofadas, com o engenheiro X.

Escutando o poeta que, enlevado com a poesia tinha atitudes esguias, a Viscondessa B. levava de quando em quando uma taça aos labios.

Algumas «cocotes» conhecidissimas e rapazes do «Chiado», completavam a scena.

O poeta deixou de recitar. Ouve umas tantas palmas discretas e logo uma das raparigas gritou:

—E o Alvaro não aparece hoje?

—Não deve tardar!—disse o dono da casa—Naturalmente não encontrou o homem no café da Avenida...

—Foi talvez ter com o do Arco do Bandeira!—Juntou um rapaz—A policia anda agora em cima d'eles!

Na rua, ouviu-se o ruido de um automovel que parava. Ouve um movimento entre todos e uma voz gritou:

—Deve ser o Alvaro!

Afastei-me da porta e ocultei-me sob uma tapeçaria que se espalhava sobre uma parede proxima.

D'ahi a instantes o corredor ficou iluminado, e um homem apareceu.

Abriu resolutamente a porta por onde eu tinha espreitado e entrou. O corredor ficou de novo apagado e novamente fui espreitar pelo buraco da fechadura.

O homem que tinha entrado, sorvia lentamente uma taça de champagne.

—Então? Arranjás-te?—preguntou uma das cocotes que tinha tirado o vestido e mostrava canalhamente o colo nú.

—Arranjou-se alguma, mas deu um trabalhão! Isto agora está dificil! O R. anda fugido da policia porque o denunciaram!

—E o V. do Arco do Bandeira!—gritou um dos rapazes.

—Foi esse que arranjou! Aqui está!—e o homem tirou dos bolsos uns tantos papelinhos lustrosos e tres frascos escuros, pequeninos.

—Até que emfim!—gritou-se.

E todos, sem excepção dum unico, começaram abrindo com alegria os papeis e os frascos.

Madame Q. despejou rapidamente um dos frascos n'uma taça de champagne e bebeu um trago. Todos, n'um contentamento alvar, n'uma febre idiota, cheiravam um pó branco, cristalino, alvo como neve que tiravam dos papeis e dos frascos.

Comprehendi. Era cocaina!

* * *

Em breve, todos aqueles homens e

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

VARIA

Chove tanto!...

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

faz tudo pelo melhor e aquela menina era-nos enviada pelo ceu, a nós já um pouco maduros e sem filhos. Seria nossa filha, adoptal-ahi-amos. Mas, começaram as dificuldades. Acreditariam na nossa historia, viriam aqueles egoistas da vespera declarar que viram realmente o embrulho, corroborando assim as nossas declarações? Ou haveria mais tarde complicações com os paes da menina? Que noite, que noite aquela!... De manhã ao fim de tanto cogitar, tinha resolvido participar o caso á policia, seria o que Deus quizesse, e estavamos n'isto, quando nos chega do hospital a noticia que o meu pobre João tinha morrido. Déra-se qualquer complicação e o doente peiorára de tal forma, n'aquela noite, que de madrugada morreu. Corri para o hospital, depois fui tratar do funeral, e só dois dias mais tarde é que pude tratar de novo do nosso achado d'aquela vespera de Natal. Tua mãe já se tinha afeiçoado e eu tambem já gostava muito de garotita. Legalisei a situação e uma semana depois partia para aqui a tomar conta das terras do tio João, que era como sabes, solteiro. Aqui crescêstes, minha Natalia, e aqui te tens educado a ponto de fazeres dos teus velhos paes adoptivos, um pouco rudes outróra, estes lavradores mais polidos que hoje somos. Mas... porque choras? Porque choras?...

Um homem sem importancia

NO PROXIMO NUMERO

Cronica Alegre

DE

HENRIQUE ROLDÃO

BREVEMENTE

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***
(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

14 DECIFRAÇÕES (Todas)

EDIPO, ETIEL, RAZALAS, JOFRALO HOFE, E ARSENIO LUPIN, (todos da T. E.), ERRECE, ZELIA BORGES, REI-VAX, ROBUR, BISTRONÇO, LHALHA E A. D. MEIRA.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 54

QUADRO DE DISTINÇÃO

DECIFRAÇÕES

Com 11—*AVIEIRA*
» 10—*P. J. M.*
» 10—*MIDA*
» 9—*AFRICANO*
» 8—*PATO BIGAS LIMITADA*

DECIFRADORES DO N.º 54

DEDICATORIAS:

Decifráram as produções que lhes foram oferecidas:

LHALHA, REI-VAX

DURAS DE ROER:

A n.º 5—*Penuia*—da autoria de *D. Galeno*, foi a produção menos decifrada.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Tapa-olhos, 2—Previdente, 3—Farroma. 4—Beijador, 5—Data, Tabuada, 7—Atalaia, 8—Verso, 9—Estrovinhado, 10—Mocadão, 11 Sagás, 12—B. Q., 13—R.; 14—Donosa.

CHARADAS EM VERSO

(*Agradecendo á distinta charadista e enolvidavel* Zelia Borges *a sua* Derrotada)

(1) *Derrotada*! Que dôr, meu Deus, que dôr!
Vencida! Como o peito meu estala,
E o coração *reçame* dôr e exala—2
Lagrimas puras dum imenso amor!

Quantas vezes clamei: Senhor! Senhor!
Sem ter inspiração como cantá-la?
Dai-me, ó Deus, força que eu quero eleva-la,
Aureolar-lhe a fronte de explendôr!

Ai! Mas eu sei que brado no deserto,
E «*sácho*» num abismo já aberto—2
Que visto d'alto nos mete horror!...

... Almas que sofrem só casam no céu
Se na terra jamais lhes apareceu
Digno de acatamento um só amor!

Lisboa — LHALHA

(2) Numa *cidade chineza*—1
Comprei uma capa nova,
E por dar para a despeza
Uma «*nota*» portuguera,—1
Apanhei valente *sova*!

(3) Aplicaram ao Vicente
Um *castigo* rigoroso;—1
Apenas porque um *agente*—2
O julgou um *criminoso*.

Lisboa — AFRICANO

LOGOGRIFO

(4) Dentro duma *canastra*.—3—5—3—2
Uma *avesinha* eu vi,—3—6—5—4
Que levei para esta «*vila*»—3—2—5—6
E em um *tanque a* meti!—1—6—3—4

«*Tonadillera*» atraente?
Não diga, tal é *serpente*..

Lisboa — RAINHA DA ARCA

CHARADAS EM FRASE

(5) Recebi o *canhamo da India* em *troca* dum *fruto brasileiro*.—1—2

Lisboa — AFRICANO

(A Etiel)

(6) *Mata* esse homem que tem *principios* de *avarento*—2—2

CAMARÃO (da T. E.)

(7) Só *consinto* que comas *peixe* nas *ferias*.—1—2

D. GALENO

[A Pato Bigás, com reconhecimento]

(8) *Então* não veem que está a *cair geada*? Vão-se *abrigar*.—2—2

Porto — ERRECE

CHARADAS EM FRASE

(9) Quando os vejo andar *á roda* de mim, assalta-me um pensamento *sinistro*! Serei eu *desagellado de ambas as mãos?*—2—3

(10) Não será tambem um *santo* aquele que *agora* construiu uma *sargeta?*—1—1

DROPÉ

ENIGMAS

(11) A palavra a decifrar,
Nas suas variações
Com graça nos vai mostrar
Eguais significações.

E' sempre substantivo.
E' *modo* no masculino,
Modo no aumentativo,
E *modo* no femenino!

Porto — ERRECÈ

(*Ao ilustre* Rei-Fera, *como preito á sua dedicada camaradagem*)

[Por letras]

(12) Prima e segunda, *motivo*,
Sétima e oitava, *enleio*,
Terça e quarta, meu amigo,
Estudei com muito anceio.

Quinta com sexta *aqui* vejo,
Terça com sexta, *alem* está,
Prima com quarta, sem pejo,
No grego descobrirá

Como vê são oito letras,
Quatro das quais são vogais;
E sem estar já com mais tretas,
Digo que são desiguais.

Afirmam-me ser uma ave
E tambem distilador;
Instrumento de dentista;
E foi peça de fragor.

AVIEIRA

CORREIO

SRS. CHARADISTAS

De futuro não publico produções que não tragam indicado o dicionario em que são verificaveis.

DROPÉ.—Se me não esquecer o seu pedido será sempre atendido.

REI-VAX.—Parece-me que o *menino* precisa de apanhar açoites... está feito vadio...

LHALHA.—...... E segue..,

ROBUR & BISTRONÇO.—Agora teem medo?

ERRECE.—Feliz viagem e muito negocio.

RAINHA DA ARCA.—Gostámos; e como temos por cá uma arca vasia, pedimos a fineza de continuar, o que muito agradecemos.

D. GALENO, PATO BIGAS, LIMITADA.—Peço que me desculpem por ainda lhes não ter escrito, mas prometo não faltar.

AVIEIRA.—Tem razão; mas creia que a dedicatoria esqueceu, como muitas outras coisas, bem contra minha vontade. As minhas sinceras desculpas.

REI-FERA

O principe da cocaina

CONTINUADO DA PAGINA 7

mulheres se entregaram a atitudes extranhas, inconcebiveis! Todo aquele sangue azul, foi pouco a pouco tomando uma expressão de baixeza degradante! Aquela aristocracia era agora mais reles, mais torpe, do que qualquer plebeu de condição mesquinha!

A custo retive um grito de indignação mas... subitamente, senti-me agarrado fortemente pelas costas e uma voz gritou-me aos ouvidos!

—Ah! Seu malandro!

* *

Com um safanão violento, atirei com o creado que me agarrava, de encontro á parede. Mas na minha frente apareceu um outro que, levantando um punho fechado, me ameaçou terrivelmente:

—E' um ladrão! Acudam!

Esquivei o murro e atirei-lhe um «crochet» ao queixo que o fez tombar. Porem o primeiro creado já se tinha erguido e vinha sobre mim com uma espada antiga que tinha arrancado d'uma panoplia que estava na parede.

A porta por onde eu espreitára abriu-se com ruido e o tal Alvaro apareceu empunhando uma pistola.

Furto o corpo ao golpe da espada e atiro com o creado para cima do homem que me ameaçava com a pistola.

No meio da confusão, uma jarra enorme despenha-se da coluna e parte-se na escada em pedaços. De um salto encontro-me na escada mas um creado de revolver na mão, toma-me a passagem gritando:

—Alto ou faço fogo!

Recúo vencido e levanto as mãos. O creado aproximou-se de revolver apontado; nisto reparando que junto da mão direita que tenho erguida, fica o interruptor da luz, dou-lhe uma volta e furto o corpo para o lado.

Um clarão, ouve-se um tiro e, ao mesmo tempo um:

—Ah! ladrão! Agarrem!

Nas trevas, atirei um pontapé ao creado que cae blasfemando indecencias e dando tiros ao acaso. De cima vem um barulho de vozes dando ordens e gritos. No cimo da escada aponta uma luz e vejo uma mão empunhando uma arma. Com um encontrão, espatifo uma porta envidraçada e sinto no rosto o ar fresco da madrugada.

De um salto estou no jardim. Corro. Na vivenda, abrem-se janelas e vozes gritam:

—Socorro! Acudam!
—Ladrões!
—Acudam!

* *

Raiava a manhã quando me meti no carro electrico que me conduziu a Lisboa.

N'UM DOS PROXIMOS NUMEROS

O PECADO NEFANDO

CONTINUAÇÃO DO QUE O DETECTIVE 523 VIU PELO BURACO DA FECHADURA

VARIA

De tudo um pouco...

De quando data o uso do biberon?

Este utensilio da lactação artificial é de uso remotissimo.

Na Idade Média, dependuravam-se ao pescoço das crianças uns pequenos vasos de barro cheios de leite, ao qual misturavam certo licôr assucarado. Ainda axistem alguns d'esses vasos, que datam do seculo XIV e afectavam a forma de um pequeno barril, com duas azas pelas quaes se passava um cordão; outros eram similhantes ás botijas achatadas de hoje, quaes, descansando sobre a base, apresentam a boca horizontal e a um lado. O orificio d'esses biberons primitivos era sempre estreitissimo, para que o liquido se não entornasse e só pudesse ser extraido por meio de sucção.

A Casa dos Bicos

Esta casa, que existe em Lisboa, na rua dos Bacalhoeiros, é uma das mais antigas da cidade, e prende-se a ela uma locução popular muito conhecida e que revela o grau de riqueza que possuia o seu segundo dono.

O dito vulgar—*eu não tenho a casa dos bicos*—expressa a grande fortuna que desfructava aquele, a quem ela, em tempos remotos, perteneceu.

Diz-se, que esta casa foi, na sua primitiva, de Braz de Albuquerque, filho do grande Afonso de Albuquerque, que depois a vendeu a um opulento negociante das Indias, tão opulento, que para atestar a sua riqueza, mandára cravar, em cada bico das pedras que a ornam exteriormente, um grosso diamante. Esta tradição, porém, parece falha de verdade. Interiormente, não possue coisa alguma digna de especial menção, nem d'ela resa a historia, acontecimento notavel, ou curioso.

O cerebro japonez

M. Spitzka, aproximando as observações de Tagachi, professor da Universidade de Tokio, sobre os cerebros japonezes, das de MM. Bischoff e Marchand sobre os cerebros alemães, das de M. Giltschenko sobre os russos, das de M. Retzius sobre os suecos, e das de M. Matiegko sobre os «Tchéques», averigua que o crescimento do cerebro japonez é mais lento, em geral, que o do cerebro europeu. O cerebro de uma creança japoneza, entre os 9 e os 14 anos, pésa, em media, 1:235 gramas, emquanto que o das creanças europeas, da mesma edade, atinge entre 1:300 a 1:350 gramas. Nos japonezes de sexo masculino, o maximo do desenvolvimento do cerebro é entre os 40 e os 50 anos. A relação entre o cerebro e a altura dá, nos japonezes, um factor cerebral mais elevado que para o europeu, o que pode explicar as admiraveis aptidões da raça japoneza para os progressos intelectuaes, politicos e economicos.

IMPORTANTE.—N'esta secção podem colaborar todos os nossos leitores. Basta para isso enviarem os casos, anedoctas, ditos, e risosidades de que tiverem noticia, para a Secção de DE TUDO UM POUCO, Redacção de O DOMINGO ilustrado, Rua de D. Pedro, V, 18—Lisboa.

As bôas ideias do O DOMINGO

Sistema admiravel para quando por acaso o somno ataque o leitor, a vela não arder indefenidamente, pegando fogo a qualquer coisa.

Dois pitons presos na parede e outro no tecto, por onde passa um fio onde está suspenso o apagador. O fio está amarrado á vela e logo que o pavio ali chegue, arderá, e o apagador cairá.

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

QUADRO DE DECIFRADORES

SALOIO, JOFRALINHO, LIMA, CHARADAS, RABI, K. S. T. VIUVINHA, JEANNE D'ALBRET, ERATO, CRISTINA DA SUECIA, ROBERTO MACARIO, BERTRAND E NAZARINO, MARGARIDA NAZARÉ FALCÃO PROVITORIO, MANOEL, JOAQUIM DUARTE E VARANDAS.

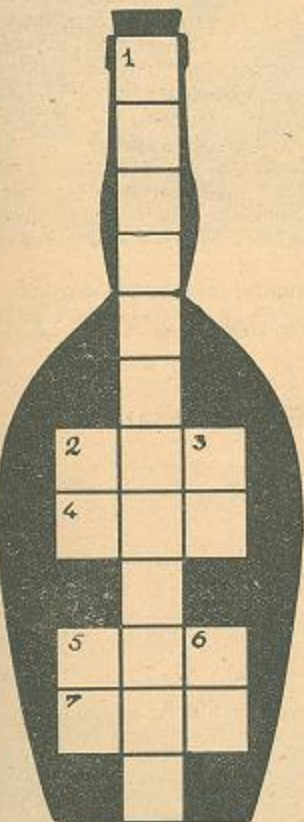
Campeões decifradores do n.º 54

HORIZONTAIS: — 2 — Consentimento 4—Meio de locomoção 5—Terra argilosa 7—Terra portugueza.

VERTICAIS: —1 — Vigilancia 2—Nome de homem 3—Ruim 5 Abreviatura de oferta 6—Duas letras de AIO.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO—HORISONTAIS:—1—Paz 2—Aro 3—Ricardo 4—In 5—Nó 6—Io 7—Er 8—Mapa 9—Roma 10—AO 11—Lista 12—Ar 13—Dei 14—Ar 15—Serão 16—Ar 17—Leve 18—Nisa 19—Vi 20—Rã 21—E. D. 22—Ob. 23—Crismar 24—Côa 25—Sim.

VERTICAIS:—2— Adora 7—Ema 14—Alvo 15—Serra 16—Aso 21—Em 23—Có 26—Ar 27—Sinal 28—Lá 29—Ro 30—Lima 31—Co 32—Ri 33—Arar 34—Não 35—Ide 36—Ser 37—Tia 38—Rei 39—Ondas 40—Rabo 41—Ai 42—Só 43—Ri.

NOTA.— O presente problema é da autoria da nossa gentil decifradora, Ex.ma Sr.a D. Ida Pereira da Silva.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

PALHAÇO.—Independencia de ideias, habitos de trabalho, generosidade, muito romantico... muito «Português!» um tanto vaidoso, ordenado, asseado, memoria regular, habilidade manual.

CURIOSO.—E' desconfiado; pratico e previdente, sabe mentir quando lhe convem, generoso, sem vaidade e sem orgulho, trabalhador activo, geito para mandar, inimigo de coisas superfluas e inuteis, amor á leitura mas dispondo de pouco tempo para ela, boa imaginação.

O RIVAL.—Nervos, espirito investigador e um tanto desconfiado, toma as coisas demasiado a serio, ideias elevadas, bom natural mas ás vezes da-lhe a mania de ver as coisas pelo lado mau e fazem-o não ser, inteligencia compreensiva, fraco nas paixões, (não vale a pena querer disfarçar a letra).

ENCAR.—Boa e cultivada inteligencia, grande imaginação, ambição, gostos esteticos, amor á literatura, generosidades intermitentes, geito para ser advogado, muito orgulho e pouca vaidade.

CARLOS VAZ.—Caracter um pouco original mais «pour epater le burgeois» que por naturalidade, generosidade, vaidade, bom gosto, fino espirito, agudeza de ideias, ordem nos objectos, aceio moral e espiritual, amante exagerado do sexo debil, ciumento, amor á poesia.

ZORQUI.—Caracter simples e ingenuo, (ele julga o contrario) apaixonado, amante de romances, gosto pela dança, acanhado com as damas, inteligencia assimilavel, nervoso e sonhador.

X. X. X.—Por esquecimento de não ter mandado o dinheiro, escreva com a quantia indicada no Domingo Ilustrado, se lhe interessa não perder o numero de ordem; a sua letra é interessamte e não me desagradaria fazer a sua analise.

UM SCEPTICO.—Sahiu um no numero anterior mas não é seu; a sua resposta aguarda junto com o de «Guita» n.os 746 e 747.

UM DESPROTEGIDO DE CUPIDO.—Aguarda tambem o n.º 716, sahirá pela sua vez.

MATOLINHOS.—Idem, n.º 844, tem que esperar algum tempo.

CRUCIFICADO.—Idem, idem.

M.a JOSÉ PIGO.—Idem, idem.

E.—Data em 19 de Novembro.

J. A. C. P.—Tem o n.º 900, é preciso ter paciencia...

MARICOTA.—Temperamento nervoso, facilmente irritavel mas passageiro, muito orgulho e muita dignidade, generosidade mal entendida, desconfiança, não muita saude.

VAN M. Je.—Boa imaginação, força de vontade media, ordem, ideias proprias, pouca vaidade e muito orgulho, generosidade, pratico, activo, pouco discutidor.

P. MORENA.— Caracter impressionavel, apaixonado e um pouco «do ultimo que chega», inteligencia assimilavel, espirito creador, generoso, orgulho espiritual, ordem de objectos e desordem de ideias, pouca vaidade.

A. J. P. A.—Inteligente artistica espiritual, amor á estetica, ambição, força de vontade, inergia moral, caracter impetuoso, facilmente dominavel (quando não se trata de uma ideia...), bom administrador para tudo.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«A DAMA ERRANTE».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

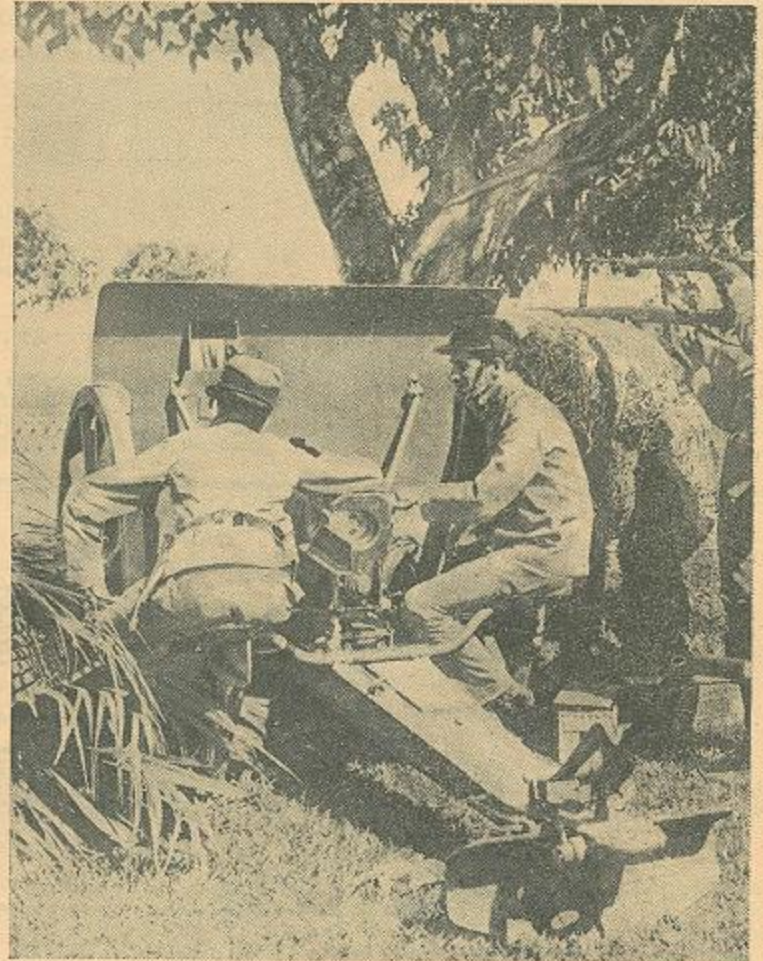
Actualidades gráficas

Os ultimos acontecimentos

ESTRAGOS DE UMA GRANADA

Os destroços causados por uma granada no 5.º andar dum predio de esquina no alto da rua da Madalena

Elementos radicais conseguiram um levantamento de tropas de artilharia num total reduzido, e vieram assentar as peças contra Lisboa, instalando-se em Almada. Alheio por completo á politica, este jornal limita-se a registar o facto, achando-se no entanto no direito de lamentar que espirito de iniciativa, valor, patriotismo e outras qualidades que concorriam nos revolucionarios de agora e de outras ocasiões, produzam apenas conflitos sangrentos, dos quais, longe de sair a solução dos nossos problemas, apenas sái o agravamento da nossa dificil situação social.

O REGULAR DO TIRO SOBRE LISBOA

Uma das peças que fez fogo sobre a capital, alarmando a cidade

(«Cliché» de Armando Ferreira, feito no acampamento revolucionario,)

A CHEGADA A ALMADA

Grupo de revolucionarios radicais, no momento de chegarem a Almada

RENDIÇÃO DOS REVOLTOSOS

O total dos revoltosos, cerca de 200 homens, formados em linha na frente da Egreja de S. Paulo que foi quartel general, no momento da rendição.

(«Cliché» A. Ferreira)

É A LAMPADA
MAIS RESISTENTE
E A
MELHOR

MAIS
ECONOMICAS

EXIGAM
A
MARCA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS CASAS
DE ELECTRICIDADE

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 -- LISBOA

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

Lion em Lisboa

RUA AUGUSTA, 259 a 261

TELEFONE N.º 2373

Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans, sombrinhas e outros artigos de alta novidade para senhora; sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

Os apaches da Rua de S. Paulo!

Três audaciosissimos gatunos entraram, á hora de mais movimento, numa ourivesaria e correndo as portas onduladas, de revolveres em púnho, tendo amordaçado o patrão e o empregado, levaram 100 contos de joias!

VER DENTRO A MAIS SENSACIONAL REPORTAGEM DOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS